

TRANCHE, RAFAEL R.; SÁNCHEZ-BIOSCA, VICENTE.
*EL PASADO ES EL DESTINO. PROPAGANDA Y CINE DEL
BANDO NACIONAL EN LA GUERRA CIVIL. MADRID: CÁTEDRA/
FILMOTECA ESPAÑOLA, 2011. 519 P. E DVD.*

ENTRE MITO E PROPAGANDA: UM OLHAR SOBRE O CINEMA DOCUMENTAL FRANQUISTA*

Volker Jaeckel**

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Rafael R. Tranche e Vicente Sánchez-Biosca abordam no seu último livro, *El pasado es el destino. Propaganda y cine del bando nacional en la Guerra Civil*, diversos aspectos do cinema da Guerra Civil espanhola do bando franquista e analisam a sua evolução até o pós-guerra imediato. O trabalho tem o objetivo de evidenciar as relações estreitas entre a propaganda, os meios de comunicação e o cinema nacional durante a guerra e durante os primeiros anos depois dela. O estado franquista tentou construir um aparato eficiente de propaganda destinado a ajudar a ganhar a guerra no *front* e a controlar rapidamente a população nos territórios ocupados pela doutrinação. Já que os falangistas tinham consciência do papel que o cinema podia desempenhar para a propagandística de guerra, foi criada uma Seção de Cinematografia dentro da *Delegación Nacional de Prensa y Propaganda*. O livro de Tranche e Sánchez-Biosca está acompanhado de um DVD com imagens autênticas de documentários e noticiários de 1937 a 1941, produzidos em sua maioria pela *Delegación Nacional de Cinematografía (DNC)*. O volume é o resultado de uma pesquisa de seis anos de duração dos dois historiadores do cinema Espanhol sobre um tema até hoje um pouco negligenciado nos estudos cinematográficos e históricos. A obra está estruturada em três partes: na primeira se faz um esboço histórico da criação do DNC, desde os inícios da guerra civil e se mostra como nasce este projeto de cinematografia nacional. Na segunda parte são analisados diversos aspectos dos mecanismos genéricos da propaganda em relação aos meios técnicos, às reportagens das frentes de combate, às imagens da ocupação das grandes cidades. Também encontramos nesta parte, dividida em quatro capítulos, a questão do carisma dos líderes Franco e José Antonio e o aproveitamento de mitos, rituais e cerimônias para fins propagandísticos pelo bando nacional.

* A presente resenha faz parte dos resultados obtidos durante um estágio pós-doutoral realizado na Universidade de Valência (Espanha) que contou com o apoio da CAPES.

** volkerjae@yahoo.de

O livro contém também cópias dos convênios cinematográficos, outros documentos da época, assim como uma ampla bibliografia e filmografia. Mediante o livro e o DVD pode ser comprovada uma “migração de imagens”, um fenômeno bastante frequente durante a guerra civil, que tem a sua origem na escassez de imagens autênticas. Embora se trate da primeira guerra mediatizada, se utiliza muitas vezes material confiscado do adversário ideológico, dando-lhe um novo sentido através de novo comentário e uma montagem diferente. No caso de *España heroica*, uma obra chave para justificar o golpe de estado dos militares, os acontecimentos do Alcázar de Toledo são um bom exemplo para a construção de um mito nacional com ajuda das imagens do inimigo. A defesa daquela fortaleza pelo coronel Moscardó durante setenta dias contra as forças muito superiores da República Espanhola se transformou em parte da mitografia nacional.

O Alcázar virou um símbolo da resistência heroica do pai deixando sacrificar o filho, quando o comandante da fortaleza, o coronel Moscardó, não cedeu à pressão dos sitiados de fuzilar o seu filho que se encontrava em mãos dos republicanos. Outro pilar importante da sublevação militar que se transformou em mito foi a participação dos “mouros” de Marrocos no exército nacional. O documentário etnográfico *Romancero marroquí* (1939) destaca o norte-africano como nobre aliado que participa de uma cruzada cristã contra as hordas ateias da esquerda. O filme evoca uma irmandade espiritual e cultural entre os dois povos, o árabe e o espanhol, que explica o alistamento massivo de marroquinos nas filas do bando nacional. No caso deste documentário, trata-se de uma coprodução entre a *Cinematografía Española Americana (C.E.A.)* e a empresa alemã *Tobis-Klangfilm*. A iniciativa para este documentário foi do alto comissário da Espanha em Marrocos, coronel Juan Beigbeder Atienza, com a finalidade clara de defender os objetivos de Franco na Espanha e no protetorado de Marrocos.

O livro de Tranche e Sánchez-Biosca informa ainda que o bando rebelde também recebeu apoio cinematográfico do seu vizinho na Península Ibérica: Portugal forneceu desde o início a sua infraestrutura aos nacionais para a montagem dos primeiros filmes. Também produzia o seus próprios documentários sobre os acontecimentos na Espanha vizinha. Um dos resultados mais conhecidos do cinema de propaganda português é *A revolução de maio* (1937), que apresenta ao público um Portugal novo, voltado para as velhas tradições, que se encontra renovado por causa das obras empreendidas pelo governo Salazar. Pode ser entendido como uma obra de propaganda não alheia à Guerra Civil espanhola, uma vez que um refugiado comunista espanhol entra no território português para desencadear uma revolução marxista, porém desiste do seu objetivo encontrando a sociedade portuguesa em um estado feliz.

Todos estes filmes mostram com muita clareza como o apoio mediático ao bando nacional por parte da Itália, Alemanha e Portugal teve papel importante para a consolidação e justificação do golpe de estado do dia 18 de julho de 1936. O cinema franquista explora os mitos relacionados à Espanha profunda, nobre, heroica e eterna muito mais que o lado da República, onde a propaganda militar é dominada pelas ideologias políticas e a luta entre as classes sociais. O discurso político destas produções fílmicas do DNC estava baseado no fascismo italiano e no nacional-socialismo alemão. Por este motivo não surpreende que a Espanha franquista encontre no ministério alemão de propaganda de Joseph Goebbels o seu principal aliado, que aproveita a Guerra Civil

espanhola para combater o bolchevismo não somente com armas, senão também com a sua eficiente máquina propagandística.

A cinematografia nacional com a sua produção de documentários e noticiários sobre a Guerra Civil estava perseguindo dois objetivos principais, por um lado, legitimar a atuação das tropas franquistas e vangloriar as instituições nacionais encabeçadas pelo seu líder Francisco Franco, por outro lado pretendia desqualificar e demonizar o inimigo republicano. A profanação religiosa e os supostos atos bárbaros contra a população civil, perpetrados pelas tropas ou milícias da república, são argumentos que a propaganda utilizou em contraposição com a generosidade, ajuda e a ordem que oferecia o bando nacional no seu território: “Pátria, pão e justiça” são as palavras-chave que aparecem em diversas sequências dos noticiários para mostrar a preocupação com população nas áreas libertadas dos “vermelhos”. Também os prisioneiros de guerra recebiam um bom tratamento, segundo a propaganda fascista, e lhes ensinavam nos campos de prisioneiros de guerra a abrir o punho da saudação revolucionária para uma mão estendida da saudação fascista.



REFERÊNCIAS

TRANCHE, Rafael R.; SÁNCHEZ-BIOSCA, Vicente. *El pasado es el destino*. propaganda y cine del bando nacional en la guerra civil. Madrid: Cátedra/Filmoteca Española, 2011. 519 p. e Dvd

